

Conversações Filosóficas sobre a Performance Alquimia e a Desterritorialização de um Artista

Philosophical Talks about Alchemy Performance and Deterritorializing an Artist

Nayara Lopes Botelho¹

RESUMO

A pesquisa abaixo relatada se deu através da montagem da performance Alquimia. Alquimia é a relação necessária entre o homem e a natureza, o homem necessita compreender através de afectos, perceptos e conceitos que, o elixir da vida está na relação harmoniosa entre a natureza e seus elementos. Por isso, o arquétipo Caipora é a personagem principal dessa performance, como mito regional que enfrenta e se revolta com o ser humano, grande destruidor da matéria-prima da vida: a natureza. Baseado essencialmente em Deleuze e Guattari, Dewey e Bártolo esse artigo visa conversar a respeito do processo de devir, a desterritorialização do corpo da artista que montou e encenou a performance, assim como também a construção de um corpo sem órgãos (CsO) e sua consequente territorialização. Inspirado na teoria artaudiana de corpo sem órgãos, toda o estudo epistemológico e prático da montagem se direcionou para um estado constante de devir histórico, animal, mítico e cultural que esta permeado de estado de intensidades corporais que evocam um novo corpo, um novo povo e uma nova forma de vida baseada na percepção corporal por meio da natureza.

Palavras-Chave: Filosofia, Teatro e Desterritorialização.

ABSTRACT

The following research was done through the Alchemy performance. Alchemy is the necessary relationship between man and nature, man needs to understand through affections, percepts and concepts that, the elixir of life is in the harmonious relationship between nature and its elements. Therefore, the archetype Caipora is the main character of this performance, as a regional myth that faces and revolts with the human being, great destroyer of the raw material of life: nature. Based essentially on Deleuze and Guattari, Dewey and Bártolo this article aims to talk about the process of becoming, the deterritorialization of the body of the artist who staged and staged the performance, as well as the construction of a body without organs (CsO) and its consequent Territorialisation. Inspired by the Artaudian theory of a body without organs, all the epistemological and practical study of the montage was directed towards a constant state of historical, animal, mythic and cultural becoming that is permeated by a state of bodily intensities that evoke a new body, a new people and A new way of life based on bodily perception through nature.

Keywords: Philosophy, Theatre and Deterritorializing.

¹ Mestranda em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins licenciada em Artes Cênicas pelo IFTO.

E-mail:

nayara_lb@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Mas a arte nunca é um fim, é apenas um instrumento para traçar as linhas de vida, isto é, todos esses devires reais, que não se produzem simplesmente na arte, todas essas fugas ativas, que não consistem em fugir na arte, em se refugiar na arte, essas desterritorializações positivas, que não irão se reterritorializar na arte, mas que irão, sobretudo, arrastá-la consigo para as regiões do a-significante, do a-subjetivo e do sem-rostro. (Deleuze e Guattari, 1996, p. 57)

Podemos perceber a arte como um dos meios que o ser humano utiliza para se organizar, se expressar e também observar o comportamento humano. Hoje, vejo-a em um patamar mais elevado, vejo-a como uma forma de se alcançar o conhecimento, uma forma de comunicação e também de transformação pessoal. Hoje, noto que o artista se refaz, modifica-se e vive através de sua arte, marca sua existência e, com isso, marca também a existência dos demais que apreciam a obra. Portanto, vejo a arte tanto como um meio quanto como uma forma de vida.

A performance *Alquimia* é um meio que encontrei de modificar minha existência e também tocar conscientemente a dos outros. Através das mitologias regionais, os elementos ambientais próprios de minha região e as possibilidades de criação que venho encontrando na elaboração, ensaios e estudos sobre tal montagem, venho me descobrindo, assim como também a história do povo nortense/sertanejo e seus modos, crenças e estilos de vida.

Em um determinado momento de estudos, em um curso de extensão, o professor coordenador, que é filósofo, afirmou em uma de suas falas, que “a filosofia é uma instrumentalização para outros discursos. [...] É uma ciência que ajuda a pensar (e conseqüentemente) a fazer outras práticas das outras ciências¹.” Tal fala me despertou a atenção no sentido que tal disciplina possui relações intrínsecas com o teatro, as demais disciplinas e o espetáculo em si.

Devido a isto, percebi que o ato de criação, além de inerente e natural ao ser humano (Courtney, 2010), é também uma característica das três disciplinas escolhidas. A filosofia cria conceitos, a arte cria emoção – sensibilia/afectos - e a ciência cria perceptos, como disse Deleuze e Guattari (1992). Todas possuem seus meios e distinções, mas há comunicação entre elas, todas auxiliam na elaboração e desenvolvimento dos demais campos de conhecimento; “a própria ciência não passa de uma arte central que auxilia na geração e utilização de outras artes.” (Dewey, 2010, p. 94)

¹ Fala do professor mestre em filosofia José Carlos de Freitas do Centro Universitário Unirg no dia 11/04/2015 durante o curso de extensão Filosofia e Cinema – História, Educação e Existência.

Deleuze e Guattari (1992, p.10) disse que “a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos.” Desse modo, seu objeto de estudo é a elaboração de conceitos que possibilitem a especificação e exploração de um plano de imanência, sendo este “o objeto de uma especificação infinita [...]. (Deleuze e Guattari, 1992, p. 55), a filosofia além de explorar, por meio de criação de conceitos, um plano, ela também pode gerar outros planos que possibilitem o enfrentamento do caos pelos seres humanos. Com isso, os conceitos servem para “erigir um acontecimento que sobrevoe todo o vivido, bem como qualquer estado de coisas” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 47) em um determinado plano de imanência, um assunto sobre o qual o desconhecido permeia e, portanto, gera-se o caos. A filosofia tenta então vencer este desconhecido por meio do conhecimento por conceitos.

Cada plano de imanência é percorrido por movimentos intencionais que são a imagem de um pensamento que está em formação e que também constitui a matéria de um ser – ser este que está se formando devido ao conhecimento que se quer apropriar/experimentar, pois os movimentos vão e voltam em direção do objeto de estudo e do ser de interesse como escreve Deleuze “É neste sentido que se diz que pensar e ser são uma só e mesma coisa. [...] o movimento não é imagem do pensamento sem ser também matéria do ser.” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 54)

À medida que planos e conceitos são desenvolvidos, forma no ser, conhecimento, conhecimento este que é a descoberta do desconhecido, relativa saída de uma situação de caos e ao mesmo tempo quebra de uma determinada opinião. A opinião, considerada a “desgraça dos homens” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 265) é extirpada da filosofia – assim como na ciência também, devido ao seu poder de estabilidade de pensamento e comportamento. Ela confere ao conhecimento características unitárias e imutáveis, desvinculando assim, a dialeticidade.

A dialeticidade propicia a nós, seres humanos, a nossa constante transformação conforme a imagem de nosso pensamento. Assim, a formação de nossa individualidade está arraigada na formação de nosso intelecto, ou seja, dos conceitos que aceitamos ou discordamos, a função da filosofia, “O conhecimento não é nem uma forma, nem uma força, mas uma função: “eu funciono” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 275). É impossível pensarmos, instituir planos e investigar e criar conceitos, enfrentar o desconhecido, sem nos modificarmos, “É que não pensamos sem nos tornamos outra coisa [...].” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 59)

A filosofia apresenta três elementos, cada um dos quais responde aos dois outros, mas deve ser considerada em si mesma: o plano pré-filosófico que ela deve traçar (imanência), o ou os personagens pró-filosóficos que ela deve inventar e fazer viver (insistência), os conceitos filosóficos que ela deve criar (consistência). Traçar, inventar, criar, esta é a trindade filosófica. Traços diagramáticos, personalísticos e intensivos. (Deleuze e Guattari, 1992, p. 101)

A filosofia faz viver personagens conceituais que é a própria figura do filósofo, os quais têm a função de exprimir através de sua forma de pensar, novos territórios de conhecimento, a sua personalidade que “se juntam estreitamente aos traços diagramáticos do pensamento e os traços intensivos dos conceitos” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 92). Seu objeto de trabalho é a constituição do pensamento-ser que é a operação de um determinado plano de imanência. (Deleuze e Guattari, p. 88). Conforme Deleuze e Guattari “*O personagem conceitual é o devir ou o sujeito de uma filosofia [...]*” (p. 86), desse modo, a filosofia tem, portanto, um desafio que se estende as demais disciplinas que irão ser trabalhadas mais adiante: suscitar novas existências em nosso mundo/vida através dos conceitos e planos, existências convencionais ou não, repletas de movimentos intensivos. (Deleuze e Guattari, 1992, p. 99)

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A performance *Alquimia* foi inicialmente influenciada pelos livros *O alquimista* de Paulo Coelho e *O velho e o mar* de Ernest Hemingway que, após sua leitura e reflexões, possibilitaram a ideia de que o ser humano deve ser uma mistura alquímica, híbrida, imersa nos biomas e culturas que o cercam. Desse modo, *Alquimia* surgiu na concepção de que o ser humano é um ser mutante, que tem tudo dentro de si e, assim, pode se modificar a partir do momento que se compreende que isso se faz necessário no ponto de vista crítico e consciente da relação dos seres humanos com o ambiente que o cerca.

Em certo momento da pesquisa, lembrei-me de Shakespeare em seu poema *O Menestrel*, quando diz: “Um dia você aprende que existe mais dos seus pais em você do que você supunha.” Tal frase se consolidou em meu entendimento quando, estudando Jung, li sua teoria do *inconsciente coletivo*, a forma como todos nós – seres humanos – estamos interligados, é a história da humanidade dentro de cada um de nós, assim possibilitando que todos os seres humanos conheçam e se relacionem intimamente com os demais.

O inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, ele é herdado. É um conjunto de sentimentos, pensamentos e lembranças compartilhadas por toda a humanidade. [...] O inconsciente coletivo é um reservatório de imagem latentes,

chamadas de arquétipos ou imagens primordiais, que cada pessoa herda de seus ancestrais. A pessoa não se lembra das imagens de forma consciente, porém, herda uma predisposição para reagir ao mundo da forma que seus ancestrais faziam. Sendo assim, a teoria estabelece que o ser humano nasce com muitas predisposições para pensar, entender e agir de certas formas.²

Desse modo, todas as histórias, músicas, crenças, rituais e provérbios que desde minha infância presenciei foram incorporados na performance *Alquimia* como minha forma de identidade pessoal e sociocultural. Como parte do processo do fazer dessa montagem, pude me descobrir como admiradora e amante dos ambientes naturais de meu Estado, o Tocantins. Assim como das minhas raízes sertaneja e caipira.

Notei, durante essa busca, que todos esses elementos são formas de conhecimento popular que regiam de uma forma mais rígida a sociedade dos meus antepassados. Assim, a proposta é trazer os conhecimentos e costumes antigos que estão interligados em minha história para criticar e contestar os valores e normas da sociedade atual, assim como também a da antiga, evocando um novo devir.

Os filósofos não podem gerar uma nova existência, mas a pode suscitar, que no caso de *Alquimia*, veio à realidade pela arte. Desse modo, a intenção da obra é filosófica, suscitar através da crítica e demonstração que uma nova existência deve ser criada em nossa sociedade. A vida pede isso. A agonia que sinto em relação aos fatos que ocorrem na natureza me fez “criar” conceitos, afectos e perceptos, me fez desterritorializar-me e reterritorializar-me para que quem aprecie essa forma e substância alquímica (pois envolve neste sentido as três disciplinas) também procure fazer o mesmo. Portanto, esse caminho de novas experiências e conhecimentos, mostrou-me que a obra de arte mantém-se viva, assim instigando “a capacidade de vivenciar o mundo comum em sua plenitude.” (Dewey, 2010, p. 257)

Não se pode objetar que a criação se diz antes do sensível e das artes, já que a arte faz existir entidades espirituais, e já que os conceitos filosóficos são também sensíveis. Para falar a verdade, as ciências, as artes, as filosofias são igualmente criadoras, mesmo se compete apenas à filosofia criar conceitos no sentido estrito. (Deleuze e Guattari, 1992, p. 13)

Cada disciplina é um campo de conhecimento autônomo e emancipado naturalmente, mas dialogáveis devido às suas características. A filosofia procura enfrentar o caos através da criação de conceitos; a arte através dos afectos, as emoções que sempre

² www.pucsp.br/pos/cesima/schenberg/alunos/eduardoaugusto/Inconsciente1.htm - acesso dia 06/07/2015

procura expressar; a ciência através dos perceptos, funções que ordenam o caos. Cada uma tem suas peculiaridades, que não quer dizer que uma se sobrepõe a outra, mas que ordenam o mundo de forma diferente. Cada uma experimenta, pensa, executa uma forma de conhecimento; “O contraste entre a falta e a plenitude, a luta e a realização ou o ajuste depois da irregularidade consumada constituem o drama em que ação, sentimento e significado são uma coisa só.” (Dewey, 2010, p. 79)

Desse modo, o espetáculo se faz inicialmente uma experiência a mim e em mim, e depois se direciona em um movimento intensivo ao público que o assistirá; “não apenas é uma alternativa do fazer e do ficar sujeito a algo, mas também porque consiste nas duas coisas relacionadas.” (Dewey, 2010, p. 122)

As experiências provindas das interações históricas, culturais, naturais, míticas e psicossociais que a minha região me proporcionou em toda a minha existência, foram transformadas em um grande conjunto de emoções, intensidades energéticas e psicológicas que habitaram um corpo que se desterritorializou e veio a se formar. Assim, pode-se analisar o processo de reterritorialização através do *CsO – corpo sem órgãos*.

Um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam. Mas o CsO não é uma cena, um lugar, nem mesmo um suporte onde aconteceria algo. [...] O CsO faz passar intensidades, ele as produz e as distribui num *spatium* ele mesmo intensivo, não extenso. Ele não é espaço e nem está no espaço, é matéria que ocupará o espaço em tal ou qual grau - grau que corresponde às intensidades produzidas. Ele é a matéria intensa e não formada, não estratificada, a matriz intensiva, a intensidade [...]. Matéria igual a energia. [...] os órgãos somente aparecem e funcionam aqui como intensidades puras. (Deleuze e Guattari, 1992, p. 13 e 14)

Perante esse novo devir, esse conceito que se forma e se firma pelo processo de reterritorialização, que, no caso citado, é por meio de um corpo, foi escolhida a teoria artaudiana de corpo sem órgãos e sua consequente praxização.

3. RESULTADOS

A obra performática *Alquimia* evoca novas experiências, tanto ao público que a completou, quanto a mim que a realizou, seguindo, portanto, o raciocínio sobre novas existências, entendemos que são geradas devido ao fluxo de experiências e interações que um determinado sujeito vivencia através do ambiente, dessa forma entende-se por experiência,

o resultado, o sinal e a recompensa da interação entre organismo e meio que, quando plenamente realizada, é uma transformação da interação em participação e comunicação. Visto que os órgãos sensoriais; com o aparelho motor que lhes está ligado, são os meios dessa participação, [...] e um embotamento da experiência da vida. (Dewey, 2010, p. 89)

Então toda interação entre a natureza e um determinado sujeito é um fenômeno que produz uma determinada experiência, e tem caráter permanente, pois é o “próprio processo de viver” (Dewey, 2010, p. 109) que se for direcionada pelo princípio da continuidade proposta por Dewey, forma-se um conhecimento, que foi regido por movimentos desejo e intencionais em um plano de imanência que é uma experiência que *a priori* estava situada em um caos, caos esse que, era uma desorganização intelectual e sensitiva de um determinado sujeito.

Portanto, como esse determinado sujeito é um ser humano dotado de energias vitais, e deseja continuamente explorá-la, sempre desejará adquirir experiências completas que podem ser definidas como o desejo de saciar seu organismo através de “instituição de relações claras [...] com o meio.” (Dewey, 2010, p. 144) que vindas pelo contato/interação com o ambiente que o cerca, inicia-se com uma impulsão – o movimento intensivo –, que é algo próprio da vida.

A experiência, na medida em que é experiência, consiste na acentuação da vitalidade. Em vez de significar um encerrar-se em sentimentos e sensações privados, significa uma troca ativa e alerta com o mundo; em seu auge, significa uma interpenetração completa entre o eu e o mundo dos objetos e acontecimentos. [...] proporciona nossa única demonstração de uma estabilidade que não equivale à estagnação, mas é rítmica e evolutiva. [...] a experiência é a arte em estado germinal. Mesmo em suas formas rudimentares, contém a promessa da percepção prazerosa que é a experiência estética. (Dewey, 2010, p. 84)

Uma das experiências que o espetáculo *Alquimia* trata é o *devoir animal*, um devir animalesco, um devir “não humano do homem” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 224). Entende-se por devir uma nova criação, algo novo, que antes não existia e que veio a existir, existência essa que se situa em um plano de imanência, proporcionando imagem de um pensamento e matéria de um ser.

O processo de concepção e de montagem dessa performance teatral me fez entender que tudo é relação, desejo, intensidade, ligação e por fim devir, como diz BARTOLO (2007): “O plano de produção é, antes de mais, um plano de relação. Não há produção sem relação.” (p. 169) e isso se fez apreciar todo o processo de feitura de um corpo sem órgãos que seja uma ponta, uma relação com o mundo mítico, imaginário e natural que está sendo tratado.

Entendi que o homem, assim como tem seu corpo repleto de órgãos, cada um com sua função, é um órgão dentro do mundo, do planeta; cada ser humano é um órgão que é vida e produz vida; entretanto, alguns têm produzido o contrário do que se espera. Assim, “O corpo aparece-nos assim como interface, como interface entre eu e o mundo, como a minha situação no mundo.” (BÁRTOLO, 2007, p. 184)

A imagem de pensamento que *Alquimia* traz à tona é a interação vital, intrínseca e degradante que o ser humano possui com a natureza, natureza essa específica de um bioma em particular, o cerrado. A matéria do ser que é explorada na obra é a matéria mítica, híbrida e não humana que se prefigura em um corpo que buscou uma nova existência para experimentar tal devir.

O ser que veio à existência através desse tipo corporal pode ser considerado um conceito, que também se originou de um devir filosófico e que pertence ao mesmo assunto, só que composto por histórias diferenciadas (Deleuze e Guattari, 1992, p. 30). *Alquimia* fala de um devir pertencente a conceitos regionais (mitos, cultura, bioma, entre outros) e que estão relacionados aos “problemas que são os nossos, com nossa história e sobretudo com nossos devires.” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 40) O problema mais relevante que é tratado como o superobjetivo, o tema da obra é o mesmo questionamento proferido por Deleuze e Guattari:

a vergonha de ser um homem, nós não a experimentamos somente nas situações extremas [...] mas nas condições insignificantes, ante a baixeza e a vulgaridade da existência que impregnam as democracias, ante a propagação desses modos de existência e de pensamento-para-o-mercado, ante os valores, os ideais e as opiniões de nossa época. [...] Não nos sentimos fora de nossa época, ao contrário, não cessamos de estabelecer com ela compromissos vergonhosos. Este sentimento de vergonha é um dos mais poderosos motivos da filosofia. [...] E não há outro meio senão fazer como o animal (rosnar, escavar o chão, nutrir, convulsionar-se) para escapar ao ignóbil: o pensamento mesmo está por vezes mais próximo de um animal que morre do que de um homem vivo [...]. Não nos falta comunicação, [...] falta-nos criação. Falta-nos resistência ao presente. A criação de conceitos faz apelo por si mesma a uma forma futura, invoca uma nova terra e um povo que não existe ainda. [...] A arte e a filosofia juntam-se neste ponto, a constituição de uma terra e de um povo ausentes, como correlato da criação. Esse povo e essa terra não serão reencontrados em nossas democracias. [...] mas um devir é por natureza o que se subtrai sempre à maioria. (p. 140)

Desse modo, esse devir animal é situado em um ato de criação antes conceitual e que se torna artístico, passando pelo terreno da desterritorialização, que pode ser compreendida como a afirmação conceitual “de uma nova terra por vir” e que “só pode ser pensada segundo certas relações, por determinar, com as desterritorializações relativas,

não somente cósmicas, mas geográficas, históricas e psicossociais.” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 117)

Ela não é somente física e humana, mas mental, como a paisagem. [...] Ela a arranca do culto das origens, para afirmar a potência de um “meio” [...]. Enfim, ela arranca a história de si mesma, para descobrir os devires, que não são a história, mesmo quando dela recaem [...]. O “devir” não é história; hoje ainda a história designa somente o conjunto das condições, por mais recentes que sejam, das quais nos desviamos para um devir, isto é, para criarmos algo de novo. (p. 125)

Portanto, a desterritorialização é o próprio processo de devir, é quando se abandona o que existe para que o que não existe venha à tona. É pensada e desenvolvida pelas relações que os fenômenos de experiência já proporcionaram historicamente, geograficamente e na esfera psicossocial, assim usa-se o que foi obtido no passado para “instrumentar o presente” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 81), presente esse que é a existência provinda do processo de desterritorialização que dá acesso ao devir – uma reterritorialização, que em *Alquimia* se configura em um devir animal, cultural e mítico.

Todo processo de desterritorialização gera uma reterritorialização que, vinda pelo processo de se descobrir pelo devir, é em si um conceito; “o devir é o próprio conceito.” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 143)

o que nos tornamos, o que estamos nos tornando, isto é, o Outro, nosso devir-outro. O presente, [...] é o que somos e, por isso mesmo, o que já deixamos de ser. Devemos distinguir não somente a parte do passado e a do presente, mas, mais profundamente, a do presente e a do atual. [...] o atual [...] ele é o agora de nosso devir. [...] colocado o problema da filosofia não remetendo ao eterno mas remetendo ao Agora, ele quer dizer que a filosofia não tem como objeto contemplar o eterno, nem refletir a história, mas diagnosticar nossos devires atuais [...]. (p. 145)

O CsO foi a minha retirada de dentro de meu próprio corpo, além de uma forma de desterritorialização, foi a minha total desconstrução, e o início de uma construção feita de movimentos não convencionais a mim e nem à minha experiência. Foi à quebra do meu organismo funcional e a criação de um organismo energético, animalesco totalmente híbrido, ora felino (onça-pintada), ora peixe (pirosca), ora mítico (caipora), ora fenômenos/elementos da natureza, ora emoções e ora humano (indígenas e não indígenas).

Trata-se de criar um corpo sem órgãos ali onde as intensidades passem e façam com que não haja mais nem eu nem o outro, isto não em nome de uma generalidade mais alta, de uma maior extensão, mas em virtude de singularidades que não podem mais ser consideradas pessoais, intensidades que não se pode mais chamar de extensivas. O campo de imanência não é interior ao eu, mas também não vem de

um eu exterior ou de um não-eu. Ele é antes como o Fora absoluto que não conhece mais os Eu, porque o interior e o exterior fazem igualmente parte da imanência na qual eles se fundiram. (Deleuze e Guattari, 1992, p. 18)

Essa quebra do organismo funcional, se deu por meio de arquétipos que, direcionados por imagens mentais que se formaram durante toda a minha história, acabou por se formar em um personagem extremamente mutável e híbrido, o caipora, que, após a escuta de inúmeras histórias populares de entes da família sobre esse mito que habita a mata, pode atrapalhar as esperas dos caçadores mais experientes se acaso antes não for agradada com fumo; mesmo assim, não permite que se maltrate a natureza além da sua cota de sobrevivência, podendo muitas das vezes agredir os seres humanos.

Portanto, essa personagem tem todos os animais dentro de si, pois caipora também é animal, têm todos os elementos da natureza em si, pois faz parte deles, tem a história em si, pois caipora também é história que, passada de geração em geração fala essencialmente da relação que se deve ter com a natureza, uma relação híbrida, constante, repleta de intensidades e devires, o que exige transformação contínua.

Tomando emprestado o conceito de corpo sem órgãos – CsO – de Deleuze e Guattari para as experimentações de *Alquimia*, pude compreender que o conceito que eu estava descobrindo, que estava sendo criado “diz o acontecimento, não a essência ou a coisa. [...] é bem ato de pensamento [...]” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 33). Um novo conhecimento estava se descortinando diante de mim, assim como um espaço que outrora não conhecia, uma nova experiência e percepção se formou. Assim confirma tal afirmação dos autores citados outrora:

O artista ou o filósofo são bem incapazes de criar um povo, só podem invocá-lo, com todas as suas forças. Um povo só pode ser criado em sofrimentos abomináveis, e tampouco pode cuidar de arte ou de filosofia. Mas os livros de filosofia e as obras de arte contêm também sua soma inimaginável de sofrimento que faz pressentir o advento de um povo. Eles têm em comum resistir, resistir à morte, à servidão, ao intolerável, à vergonha, ao presente. (p. 142)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meu corpo tornou-se um corpo, repleto de subjetivações e significados extracotidianos, que chegam a não ser localizados devido ao seu potencial subjetivo. Não está situado em um tempo-espaço determinado, ele apenas *está* e *existe*. Ele se tornou um conceito, visto que, é um devir que se originou em um problema, um caos, uma desordem, a existência humana e ambiental e suas interações.

O CsO é o *campo de imanência do desejo*, o *plano de consistência* própria do desejo (ali onde o desejo se define como processo de produção, sem referência a qualquer instância exterior, falta que viria torná-lo oco, prazer que viria preenche-lo). (Deleuze e Guattari, 1992, p. 15)

Segundo Bateson, citado por Deleuze e Guattari (1996, p. 20), um platô são “as regiões de intensidade contínua, que são constituídas de tal maneira que não se deixam interromper por uma terminação exterior.” Desse modo, é um plano de realidade, de imanência, de um conhecimento que está sendo desenvolvido. “Cada CsO é feito de platôs. Cada CsO é ele mesmo um platô, que comunica com os outros platôs sobre o plano de consistência.” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 20)

O devir que veio a se formar – e que sempre estará em formação devido ao seu caráter dinâmico e criativo -, não foi baseado em opiniões, e nem reduzir necessariamente o “homem ao nível dos bichos” (Dewey, 2010, p. 89), mas experimentar o “aqui e agora; mas o que é animal em nós.” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 226). Uma reterritorialização consciente e na consciência.

[...] os artistas são como os filósofos, têm frequentemente uma saudezinha frágil, mas não por causa de suas doenças nem de suas neuroses, é porque eles viram na vida algo de grande demais para qualquer um, de grande demais para eles, e que põs neles a marca discreta da morte. Mas esse algo é também a fonte ou o fôlego que os fazem viver através das doenças do vivido [...]. (p. 224)

Desse modo, entendemos que cada disciplina possui “máquinas de construir Universais” que são a “contemplação, a reflexão, a comunicação [...]” (Deleuze e Guattari, 1992, p.15), elementos base para os afectos, perceptos e conceitos, assim oportunizando a construção de um conhecimento e sua conseqüente contextualização nas situações cotidianas, corroborando para a formação de um sujeito crítico e emancipado, o que opõem-se à cultura contemporânea: um sujeito fragmentado e alienado pelo capitalismo.

Os três pensamentos se cruzam, se entrelaçam, mas sem síntese nem identificação. A filosofia faz surgir acontecimentos com seus conceitos, a arte ergue monumentos com suas sensações, a ciência constrói estados de coisas com suas funções. Um rico tecido de correspondência pode estabelecer-se entre os planos. [...] um dos elementos não aparece, sem que o outro possa estar ainda por vir, ainda indeterminado ou desconhecido. Cada elemento criado sobre um plano apela a outros elementos heterogêneos, que restam por criar sobre outros planos: o pensamento como heterogêneso. (Deleuze e Guattari, 1992, p. 254 e 255)

Tudo se situa no princípio de continuidade de experiência proposto por Dewey (2010), que possibilitará que o sujeito, através da contemplação, da reflexão e da comunicação – as diversas linguagens, crie uma nova experiência e, conseqüentemente, um novo conhecimento aplicado. Uma consciência heterogênea capaz de interligar diversas conexões e abstrair seus significados e subjetivismos.

cujo conteúdo intrínseco, sua substância, será novo. [...] todo individuo traz consigo, ao exercer sua individualidade, um modo de ver e sentir que, em sua interação com o material antigo, cria algo novo, algo que antes não existia na experiência. (Dewey, 2010, p. 218 e 219)

Desse modo, a principal reflexão que levo comigo de tudo o que me foi aprendido nesse estudo filosófico, e que a conceituação não é somente definir o que é algo ou uma coisa. Mas antes de tudo e renovar os conceitos fixos de outrora. A nova geração deve compreender que a vida se renova na natureza, e por ela que a subsistência humana se dá. Portanto, é imprescindível tornar novo, uma nova maneira de ver e sentir a vida atual que se envereda para um rumo subversivo e incontrolável.

Subversivo porque corrompe a natureza humana por algo que foi criado, assim incentivando a destruição daquilo que é fundamental, e incontrolável, pois se dá de modo que está se perdendo a consciência e o caminho de volta.

É da degradação ambiental e sensível que estou falando e tratando na performance, a insensibilidade e indiferença pelos animais, sejam silvestres ou domésticos, é algo aterrorizador e, por isso, deve tornar-se novo e repleto de novidades para a sociedade contemporânea. E é sobre essa sociedade que se concentra o debate do próximo estudo de base antropológica, onde a sociedade pós-moderna, é líquida, em que nada foi feito para durar, inclusive aquele que a construiu e a mantém, o ser humano.

REFERÊNCIAS

- BÁRTOLO, José. **Corpo e Sentido – Estudos Intersemióticos**. Livros LabCom 2007.
- COELHO, Paulo; **O alquimista**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.
- CORTNEY, Richard; **Jogo, Teatro & Pensamento: as bases intelectuais do teatro na educação**. 4.ed. – SP: Perspectiva, 2010 (Estudos; 76)
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix; **Mil platôs – Capitalismo e Esquizofrenia**, vol. 3. – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. (Coleção TRANS)
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix; **O que é a filosofia?** – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, 3ª edição (Coleção TRANS).

DEWEY, John; **Arte como experiência.** – São Paulo: Martins Fontes. 1ª edição 2010. -
(Coleção Todas as Artes)

HERMINGWAY, Ernest; **O velho e o mar.** 78ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da Psique.** Editora Vozes, Petrópolis, 2000. 5ª edição.